

LEMOS, Gilvan. *Vingança de Desvalidos*. Recife: Nossa Livraria, 2001. 242 p.

A dimensão etnográfica, quando não sociológica, constitui uma das marcas mais características da ficção de Gilvan Lemos. O ambiente cultural, os costumes, as maneiras de pensar e de sentir das populações interioranas do Nordeste – veja-se, por exemplo, *O Anjo do Quarto Dia*, *Os Olhos das Trevas*, entre outros romances – e a vida social do Recife vêm sendo dissecados com rara argúcia por Gilvan Lemos em seus romances, contos e novelas. Seu mais novo romance, *Vingança de Desvalidos*, representa a expressão quintessenciada do interesse do grande romancista pernambucano, um dos maiores do Brasil na atualidade, pela moldura sociocultural das situações e personagens da sua obra ficcional.

Em *Vingança de Desvalidos*, ocupa-se o seu autor, mais uma vez, com as vicissitudes, as pequenas aventuras e as grandes desventuras dos que fenecem à sombra dos subúrbios e das áreas deterioradas do Recife, mas, igualmente, da ousadia e do cinismo dos que sobem na vida à custa de falcatruas e negócios escusos de toda ordem.

O romance tem como fio condutor os dilemas com os quais se defronta o jovem advogado Jorge Marques, no seu cotidiano, sem grandes perspectivas nem grandes lances, filho de gente honesta dos subúrbios, talhado para perder na vida. Ancora-se, porém, a narrativa nas conversas diárias de três desvalidos, os “três Lascados”, mosqueteiros às avessas: o aposentado Cardoso, que preferia se chamar Caridoso, o desempregado crônico Noronha e o pequeno comerciante falido Manuel Português.

É através dos encontros desses três fracassados, principalmente pelas falas de Cardoso, presumível *alter-ego* do autor e instrumento de sua catarse, que a crítica social se faz explícita no romance, sem, contudo, em nenhum momento resvalar para o panfletário. Mas é na trama do romance em si mesma que se encontra o meio principal de denúncia e crítica social da sua narrativa.

Em alguns capítulos, recorre Gilvan Lemos à fantasia, ao inconsciente, ao onírico, para atingir poeticamente as regiões mais profundas da personalidade, dos sentimentos e das frustrações de Jorge Marques e, através dele, da vasta legião dos “humilhados e ofendidos” de um país devastado pela corrupção e pelo cinismo dos donos do poder. Não há como escapar à constatação de que, em alguns momentos, o

romance chega a roçar o ensaio sociológico, como, entre outros exemplos, quando Jorge Marques se ocupa da interpretação dos usos e abusos do folclore por parte de alguns intelectuais *soi-disant* aristocratas que, se aproveitando da cultura do povo, revelam-se bem mais preocupados com a proclamação de uma curiosa espécie de estética da miséria engraçada, se isto for concebível, do que com a dignidade do nosso povo:

Admito (observa Jorge Marques) que se preservem essas manifestações (folclóricas), quando menos curiosas. Que elas façam parte da cultura de um país, mas exibi-las a torto e a direito, não. Não acredito que alguém sinceramente se embeveça, se emocione, vendo essas besteiras. A mim, particularmente, causam pena, me deprimem. Não me entusiasma ver meu povo tão miserável a macaquear para um grupo de esnobes, hipócritas, fingindo extasiar-se com essas figurações somente porque estão na moda (p. 137).

Não se limita, portanto, *Vingança de Desvalidos*, apenas à denúncia das mazelas crônicas da política e da economia do País, indo bem mais fundo ao atingir a incontornável dimensão política da cultura artística, como, de resto, de tudo que é produzido pelos seres humanos em sociedade. Com o seu mais novo romance, Gilvan Lemos nos leva a uma inquietante reflexão não somente sobre um determinado momento da nossa história, o atual, mas a respeito dos traços mais persistentes de uma sociedade patologicamente oligárquica.

Sebastião Vila Nova  
Fundação Joaquim Nabuco  
Universidade Católica de Pernambuco

MELO, Alberto da Cunha. *Um certo Louro do Pajeú*. Natal: Ed. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2001. 77 p.

Entre as manifestações artísticas do povo do Nordeste brasileiro, a poesia improvisada ao som da viola, os chamados “repentes”, destaca-se como uma das mais refinadas e originais expressões da nossa cultura popular. Se a poesia dos folhetos, originada da cantoria dos repentistas, tem sido objeto de interesse de notáveis estudiosos do folclore nordestino,